

CONCEITO ANTROPOLÓGICO DE CULTURA

BIBLIOGRAFIA

DA MATA, Roberto. Relativizando, uma introdução à Antropologia Social.

Petropolis, Ed.Vozes,1981

LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Editor,1986

BRIM, Robert et alii. Sociologia, uma bússola para um novo mundo. São

Paulo: Thomsom Learning,2007

1.Introdução

1.1. Lavando pratos

1.2. As origens da cultura

1.3. Cultura e Biologia

2. Como opera a cultura

2.1. A cultura condiciona a visão de mundo do homem- Etnocentrismo

2.2. A cultura interfere no plano biológico

2.3. Os homens participam diferentemente de sua cultura

2.4. A cultura tem uma lógica própria

2.5 A cultura é dinâmica

3. As duas faces da cultura

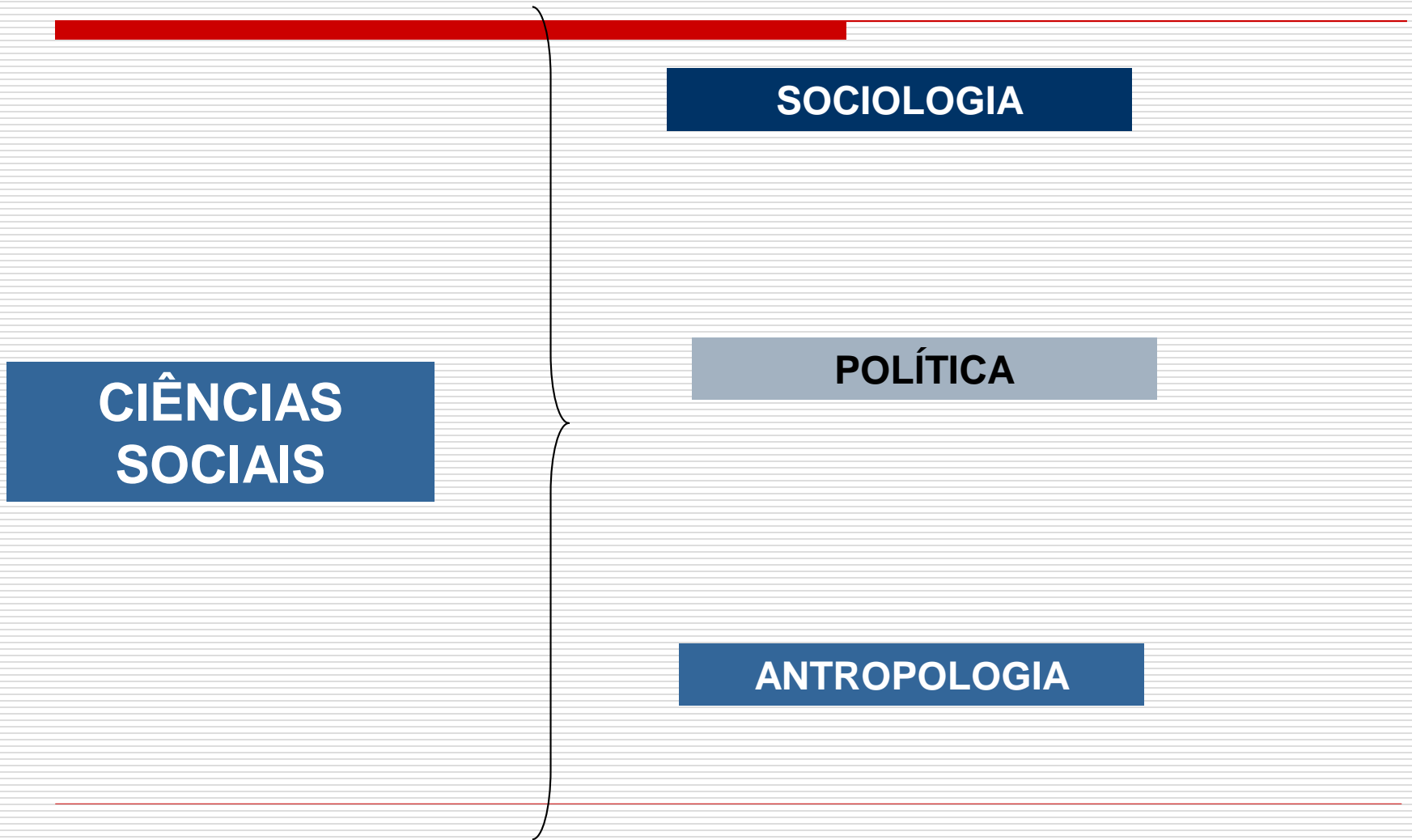
3.1. A Cultura como liberdade

- produção cultural
- diversidade cultural –
 - a revolução dos direitos
- multiculturalismo –
 - relativismo cultural
 - da diversidade à globalização
 - pós-modernismo

3.2. A Cultura como coerção

-
- racionalização e tempo
 - consumismo

1. Introdução



1. Introdução

As ciências sociais estudam fenômenos complexos, situados em planos de causalidade e determinação complicados.

Nos eventos que constituem a matéria prima das ciências sociais não é fácil isolar causas e motivações exclusivas. Ex. o ato de comer um bolo.

A matéria prima das ciências sociais são eventos com determinações complicadas e que podem ocorrer em ambientes diferenciados tendo, por causa disso, a possibilidade de mudar seu significado de acordo com o ator, as relações existentes num dado momento e, ainda, com sua posição numa cadeia de eventos anteriores e posteriores.

1. Introdução

RAMOS DA ANTHROPOLOGIA

Antropologia
Biológica ou
Física

→ Estudo do homem como ser biológico, dotado de um aparato físico e uma carga genética, com um percurso evolutivo definido e relações específicas com outras ordens e espécies de seres vivos

Arqueologia

→ Estudo do homem no tempo, através dos monumentos, restos de moradias, documentos, armas, obras de arte e realizações técnicas que foi deixando no seu caminho enquanto civilizações dava lugar a outras no curso da História

Antropologia
Social(ou
cultural)ou
Etnologia

→ Estudo do homem enquanto produtor e transformador da natureza

1.1. Lavando pratos – Blim, pg.74-75

- a cultura como forma de se resolver problemas cotidianos

o quanto de nossas vidas é regulado por maneiras de proceder que aprendemos e que nos parecem “naturais”

- o termo “cultura” e seus diversos significados

- origem etimológica do termo. Latim : colo,colui, cultum, colere = cultivar

- Aurélio : oito conceitos diferentes

- o terceiro: “ o complexo de padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade; civilização: a cultura ocidental, a cultura dos esquimós.

1.2 As origens da cultura

A importância da cultura para a sobrevivência humana. Sem cultura não haveria sistemas sociais da espécie humana e, portanto, o homem seria impossibilitado de criar a sociedade

kits
culturais de
sobrevivên
cia:

Abstração - a capacidade de criar idéias gerais ou formas de pensamento que não são relativos a exemplos particulares, os símbolos, por exemplo. Linguagens, notações matemáticas e signos são tipos de símbolos.
Ver Laraia, pg.56-57

Cooperação- refere-se à capacidade de criarmos uma vida social complexa por meio do estabelecimento de normas, ou maneiras geralmente aceitas de se fazer as coisas. Educação, religião, direito são tipos de instituições que criam normas.

Produção –envolve o fazer e utilizar ferramentas e técnicas que melhoram nossa habilidade em extrair o que queremos da natureza. Tais ferramentas e técnicas são conhecidas como cultura material

Os elementos básicos da cultura

Capacidades Humanas

	Abstração	Cooperação	Produção
	Idéias	Normas	Cultura Material
Medicina	Teorias	Experimentos	Medicamentos
Direito	Valores	Leis	Tribunais – Prisão
Religião	Crenças	Cultos	Igrejas

Recompensas e punições (**sanções culturais**) por seguir ou não as normas : **sistema de controle social**. Os **tabus** estão entre as normas mais estritas . Normas mais centrais : **mores**. Normas menos importantes : **folkways** (William Sumner)

1.3. Cultura e Biologia

- a) Não se pode ignorar que o homem depende muito de seu equipamento biológico: alimentação, sono, respiração, atividade sexual, etc., mas a maneira de satisfazê-las varia de uma cultura para outra.
 - b) Há teorias que atribuem capacidades específicas inatas a “raças” ou a outras causas biológicas. Laraia, pg.17 e sg
 - c) Para os antropólogos, as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. A sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizagem.
 - d) a questão dos instintos – Laraia pg.51-52
-

2. Como opera a cultura

2.1. A cultura condiciona a visão de mundo do homem

Ruth Benedict :” a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo.”

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produto de uma herança cultural. Ex.o rir, o comer, etc. Ver Laraia, pg.70 e segs.

Todos os homens são dotados do mesmo equipamento anatômico, mas a utilização do mesmo, ao invés de ser determinada geneticamente depende de um aprendizado e este consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural do grupo.

Etnocentrismo-

Emprega-se o conceito de etnia para designar as características culturais próprias de um grupo. Com sua língua, religião, costume, etc. determinado grupo acredita diferenciar-se dos demais.

A atitude etnocêntrica (do grego etnos=povo) implica que tendemos a conceber a nossa visão de mundo como o centro de tudo. Todos os outros são classificados e comparados em relação aos valores de nosso grupo.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural e é responsável por muitos conflitos sociais.

Etnocentrismo-

Essa crença pode tomar formas perigosas e socialmente destrutivas como o racismo, a intolerância religiosa, o patriotismo fervoroso e beligerante.

A dicotomia “nós e os outros” expressa essa tendência. Ela se expressa fora do grupo (o estrangeiro) mas também dentro do próprio grupo (laços familiares, torcidas de futebol, etc.). Blim,pg 84

2.2. A cultura interfere no plano biológico

Primeiramente pela reação oposta ao etnocentrismo: a apatia, pois em lugar da superestima dos valores de sua própria sociedade, numa situação de crise, os membros abandonam a crença na mesma e perdem a motivação de permanecerem unidos e vivos

Exs: o da doenças psicossomáticas que são influenciadas pelos padrões culturais, questões relativas à alimentação, a cura de doenças, reais ou imaginárias. Ver Laraia, pg.79-80

2.3. Os indivíduos participam diferentemente de sua cultura

a participação do individuo em sua cultura é limitada. A maior parte das sociedades humanas permite uma mais ampla participação da vida cultural aos elementos do sexo masculino. A participação depende também da idade: uma criança não está apta a certas atividades, jovens são impedidos de votar até certa idade, etc.

Qualquer que seja a sociedade, não existe a possibilidade de um individuo dominar todos os aspectos de sua cultura, mas deve haver um mínimo de participação. Laraia, pg.84-85

Isso acontece porque os padrões culturais não cobrem todas as situações possíveis, principalmente em períodos de mudança cultural ou quando a socialização não é inadequada.

2.4. A cultura tem uma lógica própria

admitia-se anteriormente a existência de sistemas culturais lógicos e sistemas culturais pré-lógicos. Todo sistema cultural tem sua própria lógica. É etnocentrismo considerar lógico apenas o próprio sistema

Claude Levy-Strauss, em O pensamento Selvagem, trouxe uma grande contribuição, refutando a abordagem evolucionista de que as sociedades simples dispõem de um pensamento mágico que antecede o científico.

2.4. A cultura tem uma lógica própria

Exemplos : sem os meios materiais, não é nada ilógico supor que é o Sol que gira em torno da Terra, pois está é a sensação. Sem o auxílio do microscópio, é impossível imaginar a existência de germes, daí ser mais fácil admitir que as doenças sejam decorrentes da intromissão de seres sobrenaturais malignos.O sistema de parentesco.Ver Laraia, pg.92-93

A lógica e a coerência de um sistema cultural é uma forma de classificação. Muito do que supomos ser uma ordem inerente da natureza não passa de uma ordenação que é fruto de um procedimento cultural mas que nada tem a ver com uma ordem objetiva. Cada cultura ordena a seu modo o mundo que a circunscreve e esta ordenação dá um sentido cultural à aparente confusão das coisas naturais.

2.5. A cultura é dinâmica

a sociedade humana tem a capacidade de questionar seus próprios padrões de comportamento e modificá-los. Qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação. Basta comparar os padrões de comportamento moral ontem e hoje, os padrões de beleza. Ver Laraia, pg 104.

A mudança cultural pode ser interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural e a externa que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro. Denomina-se processo de aculturação. A primeira é lenta, quase imperceptível. A segunda pode ser mais rápida e brusca, às vezes conflitante. Ex. choque de gerações.

3. As duas faces da Cultura

A cultura nos dá a oportunidade de exercitar nossa liberdade e, ao mesmo tempo, nos limita.

De um lado, os indivíduos não são apenas recipientes passivos, mas produtores e intérpretes ativos da cultura, e hoje, o leque de escolhas culturais disponíveis nunca foi tão amplo. De outro lado, a cultura pode ser uma fonte de coerção social.

3.1. A Cultura como liberdade

a) A produção cultural

Até 1960, muitos cientistas sociais argumentavam que a cultura era um simples “reflexo” da sociedade, uma variável dependente. Ex. televisão.

Hoje a cultura é considerada uma variável independente. As pessoas não aceitam a cultura de forma passiva, isto é, não somos recipientes passivos nos quais a sociedade derrama uma mistura de crenças, símbolos e valores. Produzimos e interpretamos nossa cultura, adaptando-a de maneira criativa às nossas próprias necessidades.

3.1. A Cultura como liberdade

a) A produção cultural

Até 1960, muitos cientistas sociais argumentavam que a cultura era um simples “reflexo” da sociedade, uma variável dependente. Ex. televisão.

Hoje a cultura é considerada uma variável independente. As pessoas não aceitam a cultura de forma passiva, isto é, não somos recipientes passivos nos quais a sociedade derrama uma mistura de crenças, símbolos e valores. Produzimos e interpretamos nossa cultura, adaptando-a de maneira criativa às nossas próprias necessidades.

b) Diversidade cultural

1. A diversidade de comportamento dos seres humanos sempre foi um enigma. Todos os outros seres, existentes na natureza, apresentam comportamentos de espécie, repetitivos, limitados, com possibilidade quase nula de variações individuais.

2. O homem, porém, como diz Lévi-Strauss, é o único que, ao nascer, pode viver mil vidas diferentes. Qualquer um de nós poderia ser Mozart, qualquer um poderia ser Hitler. A criação de sinfonias e a perpetração de genocídios são possibilidades inscritas em nossa mais íntima constituição.

b) Diversidade cultural

3. A constatação da diversidade humana foi feita, ao longo da história, por filósofos, historiadores, cronistas e viajantes, quase sempre como curiosidade. .

4. Passou a ser uma interrogação politicamente relevante no mundo ocidental quando se formaram os gigantescos impérios multinacionais centrados na Europa. Compreender as diferenças e manejar comportamentos desiguais tornaram-se desafios relevantes para quem precisava gerenciar sistemas de poder muito abrangentes.

b) Diversidade cultural

As primeiras tentativas sistemáticas nesse sentido buscaram explicações no corpo dos indivíduos, no contexto da antropologia física. Sua culminância foi a construção do conceito de raças humanas, o mais importante e mais desastrado empreendimento das ciências sociais européias no século XIX.

Ecos desse desacerto nos assombram até hoje. Estudos detalhados da fisiologia do cérebro, para relacioná-la ao caráter de cada um, e medidas de inteligência, que tiveram respeitabilidade até a segunda metade do século XX, completaram essas tentativas de localizar nos corpos de indivíduos e grupos a origem da diversidade humana.

b) Diversidade cultural

4. A superação desse caminho, pela antropologia cultural, teve como ponto de partida a constatação de que o homem não apenas age, como os demais animais, mas interpreta sua ação. Todas as ações humanas são ações interpretadas, e ao mesmo tempo todas resultam de uma interpretação.

Compreender o comportamento humano exige compreender os sistemas de interpretação construídos pela imaginação do próprio homem, o que nos remete ao universo simbólico, que é constitutivo da nossa existência tanto quanto o nosso corpo físico.

b) Diversidade cultural

Atualmente, grande parte das sociedades atuais está passando por uma diversificação cultural intensa, parcialmente devido às altas taxas de imigração. A diversidade cultural de uma sociedade se dá em todos os elementos culturais, música, arquitetura, moda, culinária. No nível político a diversidade cultural tem se tornado fonte de conflitos.

. Brasil : no final do século XIX, havia uma grande preocupação com a miscigenação. Acreditava-se que a miscigenação degenerava o povo, o que tornava impossível a construção de uma nação com identidade cultural definida.

No século XX, a miscigenação passa a ser vista como elemento distintivo e positivo de nossa identidade cultural e nacional. Ex. na educação, com a obrigatoriedade da temática : “História e Cultura Afro-Brasileira”

A revolução dos direitos

Subjacente à diversidade cultural, temos a Revolução dos Direitos, processo pelo qual os grupos socialmente excluídos têm lutado para adquirir direitos iguais perante a lei e na prática. Após a segunda guerra mundial, Declaração da ONU – Ver Blim, pg. 90.

Direitos da mulher, das minorias, dos gays, das lésbicas, de pessoas com necessidades especiais, etc

b) Diversidade cultural

a) membros de determinados grupos que sofreram, historicamente, alto grau de discriminação, têm demandado reparações sob a forma de sistemas de cotas, gestos simbólicos e terras. Em que medida os cidadãos de hoje são obrigados a compensar injustiças do passado?

Questões

b) a revolução dos direitos tem fragmentado as culturas nacionais ou pela legitimação das queixas dos grupos que foram excluídos ou pela renovação do orgulho de sua identidade e de suas heranças culturais.

Multiculturalismo

O processo pelo qual se deve aceitar a diversidade étnica e cultural do país e reconhecer a igualdade de todas as culturas. Uma abordagem multicultural enfatiza os comportamentos dos grupos minoritários como se deu o domínio dos grupos majoritários. Ressalta também o processo pelo qual a dominação racial gerou desigualdades sociais persistentes

Multiculturalismo

Para os que são contra, a educação multicultural prejudica os alunos de grupos minoritários à medida que os força a gastar muito tempo com assuntos não centrais. Para os que defendem o multiculturalismo, os alunos dos grupos minoritários desenvolvem orgulho e auto-estima e isto ajudaria tais alunos a ter sucesso no mercado de trabalho.

Divergências

os que criticam, acreditam que a educação multicultural provoca desunião política, o que resulta em conflitos étnicos e raciais. Os que defendem, respondem que a unidade política e a harmonia interétnica e inter-racial simplesmente mantem as desigualdades

Relativismo Cultural

O relativismo cultural é o oposto do etnocentrismo. Refere-se à crença de que todas as culturas e todas as práticas culturais têm o mesmo valor. Será que deveríamos respeitar culturas racistas e antidemocráticas? Os que defendem respondem que o relativismo cultural não precisa ser tomado de maneira tão extrema. Um relativismo cultural moderado encoraja a tolerância.

Exemplo : durante muito tempo, o ideal brasileiro era o de se criar uma nova cultura a partir de muitas – o chamado “cadinho cultural”. O multiculturalismo enfatiza o oposto: a criação de muitas culturas a partir de uma. É uma tendência mundial que ocorre à medida que as culturas têm se tornado mais heterogêneas.

d) Da diversidade à globalização

Nas sociedades tribais pré-letradas, as crenças e as práticas culturais são quase as mesmas para todos os membros. Muitas sociedades tribais organizam ritos de passagem. A cultura era homogênea.

Por outro lado, sociedades pré-industriais foram abaladas por forças artísticas, religiosas, políticas que fragmentaram a cultura. Movimentos como o Renascimento, a Reforma Protestante, as Revoluções do século XVIII, envolveram o questionamento de formas tradicionais de se fazer e perceber as coisas.

A fragmentação cultural ganhou força durante a industrialização e está aumentando na era pós-industrial, como resultado da globalização.

Globalização

Globalização é o processo por meio do qual economias, Estados e cultura previamente separados estão se relacionando e as pessoas estão ficando cada vez mais conscientes de sua interdependência.

Raízes da globalização:

Expansão do comércio internacional

Emigração de grupos raciais étnicos

Aumento de organizações “transnacionais”

Meios de comunicação de massa

Fim do isolamento político, econômico e cultural

“Aldeia global” (McLuhan)

Conseqüências : as pessoas têm se tornado menos coagidas a aceitar a cultura na qual nasceram e mais livres para combinar elementos culturais de uma variedade de tempo e lugares.

Raízes da globalização:

“Globalização é um menino em Bombaim, na Índia, ouvindo Bob Marley em seu aparelho de MP3, enquanto se apressa para vestir sua calça Levi’s, engolir uma tigela de cornflakes da Kellogs e se despedir de seus pais em hindi porque está atrasado para a escola na qual tem aulas de inglês”.

Pós- Modernismo

Alguns cientistas sociais argumentam que houve tanta fragmentação cultural nas últimas décadas que um novo termo é necessário para caracterizar a cultura do nosso tempo: pós-modernismo.

Fim do século XIX e primeira metade do século XX: era da modernidade: crença na inevitabilidade do progresso, pelo respeito à autoridade e pelo consenso a valores centrais

**Um bom indicador da influência e do alcance da globalização é a difusão da língua inglesa desde 1600. Razões dessa difusão hoje.
Resistências**

Pós- Modernismo

uma mistura eclética de elementos de diferentes tempos e lugares. Ex. a religião. Os indivíduos escolhem sua religião como escolhem mercadorias numa loja. O mercado religioso é cada vez mais competitivo.

A erosão da autoridade. Ex. diminuição da autoridade nas famílias, instituições, escolas, governo, medicina, etc. Aumento da frustração, insatisfação, medo

O declínio do consenso em relação a valores centrais. Ex. o fim na crença nos Grandes Projetos Históricos, da crença de que o progresso era inevitável e de que a vida sempre melhorará, principalmente como resultado da expansão da democracia e da inovação científica.

Preocupação e ceticismo, se por um lado o pós-modernismo tem trazido preocupações, por outro lado, torna as pessoas mais tolerantes em relação às diferenças e encoraja um ceticismo saudável em relação a promessas políticas e científicas cor-de-rosa e ingênuas.

A Cultura como coerção

Há dois aspectos da cultura que atuam como forças coercitivas em nossas vidas: a racionalização e o consumismo

Racionalização e Tempo

A valorização positiva da ciência, tecnologia, eficiência e praticidade levou ao que Max Weber chamou de racionalização.

Significa (1) o uso dos meios mais eficientes para se conseguir determinados objetivos e (2) as consequências não pretendidas ou não intentadas que decorrem desse uso

Racionalização e Tempo

A partir do século XV, o aumento de demanda por produtos têxteis na Europa fez com que os donos de teares buscassem formas de aumentar a produtividade: impuseram jornadas mais longas aos seus empregados e adotaram uma nova tecnologia para auxiliá-los na tarefa: os relógios mecânicos (Werkglocken: relógio de trabalho).

Havia relógios públicos nas praças das cidades. O relógio mecânico já tinha sido adotado na Idade Média pelos monges para impor um ritmo diário preciso para as preces.

O regime de trabalho tornou a vida mais dura. Houve resistência, o que levou a penas severas, inclusive pena de morte.

Racionalização e Tempo

Hoje ainda, 7000 anos depois, somos escravos do relógio. Não há somente o relógio na sala, na torre da Igreja, no escritório, na fábrica, mas também no pulso. Ex. um casal que trabalha fora em tempo integral e que tem filhos: sua rotina, de manhã até à noite.

Aceitamos e internalizamos o o regime do Werkglock, como uma coisa natural. Torna-se um produto da cultura

A regulação precisa do tempo é racional? Ela é certamente racional como forma de assegurar eficiência. Prestar atenção no relógio maximiza a quantidade de trabalho que você pode desempenhar num dia, seja o horário do metrô ou horário do início de uma aula, ou uma reunião na empresa. Exemplo do restaurante de Tóquio .Blim, pg. 97.

Racionalização e Tempo

Mas é racional como um fim em si mesmo? Para muitos ela se tornou exagerada. Um meio racional (o relógio) foi aplicado a um dado fim(maximização do trabalho), mas levou a um fim irracional (uma vida muito agitada).

Weber argumenta que a racionalidade dos meios invadiu todas as esferas da vida, até mesmo a linguagem, trazendo consequências não pretendidas que nos desumanizam e nos coagem.

A racionalização é um dos aspectos mais restritivos ou coercitivos da cultura. De acordo com Weber, a racionalização torna a vida no mundo moderno semelhante à vida dentro de uma “jaula de ferro”.

2. Consumismo

Consumismo é a tendência de nos autodefinirmos em termos de bens e serviços que compramos. Trata-se da forma contemporânea de valorização do progresso material que torna a vida mais fácil.

As grandes lojas de departamento têm se destacado na propaganda de varejo, por meio de estratégias de marketing, criando símbolos com os quais os consumidores se identificam.

Os produtos e seus preços aparecem rapidamente numa sucessão de imagens que enfatiza muito mais o estilo de vida e o comportamento dos personagens do que os produtos., Cria-se a idéia de que são os “benefícios emocionais” que vendem os produtos.. Ex. Ideais como sucesso, conquista, juventude, simpatia, sensualidade e beleza.

2. Consumismo

Dado que a propaganda estimula as vendas, as empresas gastam cada vez mais tempo e dinheiro com ela. Muitas pessoas parecem ter se transformado em propaganda ambulante.. Desfilam orgulhosamente as etiquetas de suas roupas e acessórios como símbolos de status e identidade. A propaganda torna-se assim parte do que somos. “Consumo, logo existo”.

O processo de racionalização quando aplicado à produção de bens e serviços, nos permite produzir com maior eficiência e ter mais coisas do que os nossos pais tiveram.

2. Consumismo

O consumismo é a tendência de nos definirmos em termos dos produtos que compramos, que assegura que todos os bens que produzimos serão comprados. Temos escolhas no mercado, mas compramos os produtos que ajudam a nos identificar como membros de uma subcultura particular, ou seja como adeptos de um conjunto de valores, normas e práticas distintos dentro de uma cultura mais ampla.

2. Consumismo

Tendemos a ser bons consumidores, motivados pela publicidade. Ela nos induz a comprar, mesmo que tenhamos de contrair grandes dívidas. Mesmo o que há de melhor neste estilo de vida, ele é compulsório, diz o sociólogo Baudrillard.

**Consequências
negativas**

```
graph LR; A[Consequências negativas] --> B[Degradação do meio ambiente]; A --> C["Diminuição da liberdade e individualismo, inclusive atos de rebeldia"]; A --> D[Perda do poder de mudanças]; A --> E["Cooptação dos atos de rebeldia, transformando-os em meios de se ganhar dinheiro"];
```

Degradação do meio ambiente

Diminuição da liberdade e individualismo,
inclusive atos de rebeldia

Perda do poder de mudanças

Cooptação dos atos de rebeldia, transformando-
os em meios de se ganhar dinheiro
